



teatro
CENTELHA

helder costa

a viagem

**camões,
poeta prático**

TEATRO/CENTELHA

1. A Tragédia do Rei Christophe -- Dina de Albuquerque
2. Operação Brancos de Nave ou a Dúvida não resolve -- Alfredo Nery Paiva
3. Fábula -- em duas vezes -- Alfredo Nery Paiva
4. Fábula sobre a Revolução Portuguesa -- Richard Dainton e Teresa Motta
5. A Linha e o Nô -- António Cabral
6. Técnicas Latino-Americanas de Teatro Popular -- uma revolução copernicana -- António Cabral e António Manuel Pires Cabral
7. Sete Peças em um acto -- António Cabral e António Manuel Pires Cabral
8. Zé do Tachado -- Helder Costa
9. A Camisa Vermelha -- Helder Costa

Título: A Viagem -- Camões, Poeta Prático.

Autor: Helder Costa

Prémios obtidos: Finalista do Prémio Santiago Rusiñol, no Festival de Sitges, 1979.

Editor/Distribuidor: Centelha Promoção do Livro, S. A. R. L.
Apartado 241 -- 3003 COIMBRA CODEX

HELDER COSTA



A VIAGEM

Camões - Poeta Prático

TEATRO



COIMBRA

1982

A VIAGEM (CAMÕES, POETA PRÁTICO)

A VIAGEM

Camões - Poeta Prático

A VIAGEM (CAMÕES, POETA PRÁTICO)

· Texto	HELDER COSTA
Versão Cénica e Encenação	JOÃO MOTA
Assessor Literário	ABEL NEVES
Música Original Composta e Dirigida	ANTÓNIO CARDOSO; DOMINGOS MORAIS e EDUARDO PAIS MAMEDE
Figurinos	CARLOS PAULO
Montagem	CARLOS DELGADO e QUIM FERREIRA DA SILVA
Assistência de Encenação	CARMEN MARQUES
Assistência Geral	CONCEIÇÃO CABRITA
Sonoplastia	JOSÉ VIDEIRA
Cartaz	JOSÉ SANTA BÁRBARA
Execução do guarda-roupa	MESTRA AMÉLIA VAREJÃO com D. ROSÁRIO e D. SOFIA
Coreografia	WANDA RIBEIRO DA SILVA
Egrima	MESTRE VINHAS
Produção	COMUNA – TEATRO DE PESQUISA
Intérpretes	ADRIANO LUZ ALEXANDRE MELO AMÉLIA VIDEIRA ANTÓNIO CARDOSO ARGENTINA ROCHA CARLOS PAULO CARMEN MARQUES FERNANDO GOMES JORGE LOUREIRO LUZIA PARAMÉS MARQUES AREDE MIGUEL GUILHERME PAULO FERREIRA RUI FILIPE
Estreia	13 DE FEVEREIRO DE 1982
	no TEATRO DA COMUNA na PRAÇA DE ESPANHA

PERSONAGENS

Estácio da Fonseca

Camões — Luís Vaz de Camões

Actores de «El-Rei Seleuco»

Chiado

Homens e mulheres do «Mal-Cozinhado»

D. João III

Bispo

Violante

Guardas e presos da prisão do Tronco

Pedro Andrade Caminha

Velho do Restelo

Vasco da Gama

Samorim

Garcia de Orta

Diogo do Couto

Bárbara

Irmãos Câmara

Soldados, marinheiros, padres, prostitutas, gente do povo, damas, fidalgos e poetas da Corte, conselheiros, etc.

A VIAGEM (CAMÕES, POETA PRÁTICO)

I ACTO

1. Camões apresenta o «El-Rei Seleuco».
2. O «Mal-Cozinhado».
3. Camões pede protecção a D. Violante.
4. Na prisão do Tronco.
5. Portugal e a expansão.
6. Enchem-se as caravelas.
7. A viagem.

1. CAMÕES APRESENTA O «EL-REI SELEUCO» (1)

(Assistência heterogénea e confusa, espera ruidosamente o início de um espectáculo. Populares, fidalgos, mulheres, padres, embuçados)

ESTÁCIO DA FONSECA — Meus Senhores, o nosso amigo Luís Vaz de Camões, quis-nos honrar, e representar aqui, uma farsa.

UM GRITO — Viva o Luíz Vaz!

OUTROS GRITOS — Zás! Catrapás! Pás! Pás!

ESTÁCIO DA FONSECA — O autor disse-me que era boa obra, e que só os maldizentes é que não gostavam dela.

(Reacções contraditórias do público).

ESTÁCIO DA FONSECA — Com tanta gritaria, o melhor é chamar o nosso poeta. Rapaz!

MOÇO — Senhor ...

ESTÁCIO DA FONSECA — Falta muito para entrarem?

MOÇO — Antes que amanheça não-de começar.

ESTÁCIO DA FONSECA — És muito gracioso. Zombas de mim? Vem cá, onde nasceste?

.....
(1) — Adaptação de "El-Rei Seleuco" de Camões.

MOÇO — Nas mãos das parteiras.

ESTÁCIO DA FONSECA — Em que terra?

MOÇO — Nasci numa casa que tinham acabado de varrer. Não havia nem um grãozinho de areia.

ESTÁCIO DA FONSECA — Varreram-te foi a vergonha. De quem és filho?

MOÇO — A falar verdade, parece-me a mim que eu sou filho de um meu tio.

ESTÁCIO DA FONSECA — Do teu tio? Como é isso?

MOÇO — Como? Isto são coisas que Vossas Senhorias não entendem. O meu pai era padre, e os padres chamam sempre sobrinhos aos filhos, e por isso, eu fiquei filho do meu tio...

(Aplausos. Gritaria. Entram Camões e os actores da farsa.)

CAMÕES — É lei de direito, assaz verdadeira,
Julgar por si mesmos aquilo que vêem;
Porque eu cuido que zombo de alguém,
E cuido que zombo da mesma maneira.
Ficam todos bem avisados: isto é para rir, do
cabo até à ponta.
Mentira ou verdade, aqui vai a história.
Fala de um Rei muito antigo, El-Rei Seleuco.
Gostem ou não gostem, tanto faz.

GRITOS — Zás! Pás! Catrapás! Pás! Pás!

REI — Senhora, desque a ventura
Me quis dar-vos por mulher,

Me sinto emmeninecer,
Porque em vossa formosura
Perde a velhice seu ser.
Um homem velho, cansado,
Não tem força, nem vigor,
Para em si sentir amor.

Raíinha — Senhor, dias há que sinto
Em o Príncipe Antiocho
Certo descontentamento.
Dera alguma cousa a trôco
Por saber seu sentimento.
Vejo-lhe amarelo o rosto,
Ou de triste ou de doente:
Ou ele anda mal disposto,
Ou lá tem certo desgosto
Que o não deixa ser contente.

(Noutro ponto de cena, o Príncipe, estendido numa cama)

PRÍNCIPE — Senhora, qual desatino
Me trouxe a tanta tristura?
Foi, Senhora, por ventura,
A força do meu destino,
Como vossa formosura?
Bem conheço que não posso
Ter tão alto pensamento...

(Rei fala para criados)

REI — Para tormento tamanho
Venha físico castelhano

(Rei sai. Criada fala ao ouvido da Raíinha)

RAÍNHA — O dia em que entrei aqui,
Que a Seleuco recebi,
Logo nesse mesmo dia
No Príncipe filho vi
Os olhos com que me via.
Agora vejo-o no fim
Por se me não declarar.

Oh quem me mandou casar,
Para ver tal crueldade!
Ninguém venda a liberdade,
Onde não tem vontade,
Que não há mor desvario,
Que o forçado casamento
Por alcançar alto assento.

UM EMBUÇADO (*Do público, no palco*) — É uma infâmia falar aqui do casamento de D. Manuel com D. Leonor.

UM ESPECTADOR (*Tipo pequeno comerciante*) — Infâmia é D. Manuel ter roubado a noiva ao filho...

UM PADRE — Mais infâmia é o Infante D. João dormir com a madrasta e atraçoar o pai...

ESTÁCIO DA FONSECA — Calma, calma! Nada de irritações! Isto é uma farsa, o nosso amigo Camões não iria meter-se nesses assuntos. Todos conhecemos o perigo que existe em falar das histórias da Corte, e o respeito que devemos a Suas Altezas.

CAMÕES — É só uma farsa. Para rir do cabo até à ponta. Esperem pelo fim.

(*Gritos pedem "silêncio", "vamos ver o teatro", etc.*)

(Entram Rei e físico castelhano. Dirigem-se ao Príncipe. Rainha e criados observam a cena).

REI — Andai e vede se achais
O rasto deste segredo,
Que me dizem que alcançais;

FÍSICO — Plega a Dios que aquesta sea
Para salud y remedio
Desta dolencia tan fea
Yo buscaré todo el medio.
Que presto sano se vea.

(Físico toma o pulso ao Príncipe)

Aflojem, señor, sus ais.
Como se alla en su penar?

PRÍNCIPE — Como me acho perguntais?
E como se pode achar
Quem sempre se perde mais?

FÍSICO — La respuesta abre el camino.
Imagina de contino?

PRÍNCIPE — Não tenho outro mantimento,
Nem outro contentamento,
Senão o em que em mi imagino

RAÍNHA — Como se sente, Senhor?
Tem a febre mais pequena?

PRÍNCIPE — Responda-lhe minha pena.

FÍSICO — Conocido es su dolor.
Su madrastra habló